

COM A MORTE NA ALMA

Jean-Paul Sartre

COM A MORTE NA ALMA

OS CAMINHOS DA LIBERDADE

VOLUME III

Tradução de Isabel Brito

Título da edição original: Les Chemins de la Liberté — La Mort Dans l'Âme

Nova Iorque, nove horas da manhã, sábado, 15 de Junho de 1940.

Um polvo? Pegou na faca, abriu os olhos, era um sonho. Não. O polvo estava lá, sugava-o com as ventosas: o calor. Suava. Tinha adormecido cerca de uma hora; às duas, o calor havia-o acordado, mergulhara num banho frio e tornara-se a deitar sem se limpar; logo em seguida a forja voltara a ressoar-lhe sob a pele, recomeçara a transpirar. De madrugada tinha adormecido, sonhou com incêndios; agora o Sol já ia alto, e Gomez suava ainda: suava sem interrupção há quarenta e oito horas. “Meu Deus!”, suspirava ao passar a mão pelo peito molhado. Isto não era do calor, era uma doença da atmosfera: o ar tinha febre, o ar suava, desfazia-se em suor. Levantar-se. Começar a suar dentro de uma camisa. Erguer-se: “Hombre! Já não tenho mais camisas.” Encharcara a última, a azul, porque era obrigado a mudar-se duas vezes por dia. Agora era o fim: usaria este trapo húmido e mal cheiroso até que a roupa viesse da lavanderia. Levantou-se cautelosamente, mas sem poder evitar a inundação, as gotas corriam-lhe pelo corpo como piolhos e faziam-lhe cócegas. A camisa amarrotada, cheia de pregas, estava no espaldar da cadeira. Apalpou-a: nada seca neste país de merda. O coração batia-lhe, sentia um travo na boca, como se se tivesse embriagado na véspera. Vestiu as calças, aproximou-se da janela e correu as cortinas: na rua, a luminosidade era branca como uma catástrofe; mais treze horas de luz. Olhou para a rua com angústia e raiva. A mesma catástrofe: lá longe, na fértil terra negra, debaixo de fumo, sangue e gritos; aqui, entre as casinhas de tijolo vermelho, luz, apenas luz, apenas luz e transpiração. Mas era a mesma catástrofe. Dois negros passaram e riram, uma mulher entrou no drugstore. “Meu Deus!” Via as cores tornarem-se berrantes: mesmo tendo tempo, mesmo tendo cabeça para isso, como poderia pintar com esta luminosidade! “Meu Deus!”, disse, “meu Deus!”

Bateram à porta. Gomez foi abrir. Era Ritchie.

— É um crime — disse Ritchie ao entrar.

Gomez estremeceu:

— O quê?

— Este calor: é um crime. O quê — acrescentou com um ar de censura —, não estás vestido?

Ramon espera-nos às dez horas. Gomez encolheu os ombros:

— Adormeci tarde. Ritchie tornou a sorrir, e Gomez apressou-se a acrescentar: — Está muito calor. Não consigo dormir.

— Acontece, nos primeiros tempos — disse Ritchie complacentemente.

— Depois habituas-te

— Tomas pastilhas de sal?

— Olhou para ele atentamente.

— Sim, claro, mas não fazem efeito. Ritchie abanou a cabeça e a sua benevolência matizou-se de severidade: as pastilhas de sal deviam impedir a transpiração. Se não produziam efeito em Gomez, então ele não era como as outras pessoas.

— Mas então! disse subitamente Ritchie, franzindo o sobrolho —, tu devias estar treinado: em Espanha também há muito calor. Gomez pensou nas manhãs

secas e trágicas de Madrid, nessa bela luminosidade sobre Alcalá, que era ainda a esperança; abanou a cabeça:

— Não era o mesmo calor.

— Menos húmido, não? — disse Ritchie, com uma espécie de orgulho.

— Sim. E mais humano, Ritchie tinha um jornal na mão; Gomez estendeu o braço para lhe pegar, mas não ousou. A mão pendeu-lhe.

— É um grande dia — disse Ritchie alegremente: a festa de Delaware. Sou de lá, sabes?

Abriu o jornal na décima terceira página; Gomez viu uma fotografia. La Guardia cumprimentava um homem forte e ambos sorriam com naturalidade.

— Este tipo à esquerda — continuou Ritchie — é o governador de Delaware. La Guardia recebeu-o ontem no World Hall. Foi formidável.

Gomez tinha vontade de lhe arrancar o jornal e de ver a primeira página. Mas pensou: “Estou-me nas tintas”, e foi para a casa de banho. Encheu a banheira de água fria e barbeou-se rapidamente. Quando se ia a meter no banho, Ritchie gritou-lhe:

— Como vais de massas?

— Muito mal, já não tenho nenhuma camisa e restam-me dezoito dólares. Além disso, Manuel chega na segunda-feira, tenho de lhe devolver o apartamento.

Mas estava a pensar no jornal: Ritchie lia enquanto esperava; Gomez ouvia-o voltar as páginas. Limpou-se cuidadosamente; em vão: e água emergia da toalha. Enfiou a camisa húmida, esfregando-a nas costas, e entrou no quarto.

— Desafio dos Gigantes. Gomez olhou Ritchie sem compreender.

— O baseball, ontem. Ganharam os Gigantes.

— Ah!, sim, o baseball...

Baixou-se para apertar os sapatos. Procurava ler, espreitando, os títulos da primeira página. Acabou por perguntar:

— E Paris?

— Não ouviste a rádio?

— Não tenho rádio.

— Acabado, liquidado — disse Ritchie tranqüilamente. — Entraram esta noite.

Gomez dirigiu-se para a janela, colou a testa ao caixilho escaldante, olhou para a rua. Este sol inútil, este dia inútil. De futuro, apenas dias inúteis. Voltou-se e deixou-se cair na cama.

— Despacha-te — disse Ritchie. — Ramon, não gosta de esperar.

Gomez levantou-se. A camisa já estava encharcada.

Foi pôr a gravata em frente do espelho:

— Ele está de acordo?

— Em princípio, sim. Sessenta dólares por semana e farás a crônica das exposições. Mas ele quer ver-te.

— Ver-me-á — disse Gomez. — Ver-me-á.

Voltou-se bruscamente:

— Preciso de um adiantamento. Achas que ele irá nisso?

Ritchie encolheu os ombros. e, após um momento:

— Disse-lhe que vieste de Espanha e ele desconfia de que não tens grande admiração por Franco; — mas não lhe falei das tuas... explorações. Não lhe digas que eras general: no fundo, não sabemos o que pensa. General!

Gomez olhou para as calças usadas e para as manchas escuras que o suor punha na camisa. Disse serenamente:

— Não tenhas medo, não tenho vontade de me gabar. Sei o que custa, aqui, ter feito a guerra em Espanha: há seis meses que estou sem trabalho. Ritchie pareceu abalado:

— Os Americanos não gostam de guerra — explicou secamente.

Gomez pôs o casaco debaixo do braço:

— Vamos.

Ritchie dobrou lentamente o jornal e levantou-se. Na escada perguntou:

— A tua mulher e o teu filho estão em Paris?

— Espero bem que não — replicou vivamente Gomez.

— Espero que Sarah tenha sido suficientemente esperta para se raspar para Montpellier. Acrescentou:

— Não tenho notícias deles desde o dia 1 de junho. Se tiveres trabalho, podes mandá-los vir — disse Ritchie.

Sim — disse Gomez. — Sim, sim. Veremos.

A rua, o brilho das janelas, o sol a incidir sobre as longas casas achatadas e sem tecto, de tijolos escurecidos. Em frente de cada porta degraus de pedra branca; uma bruma de calor do lado de East River; a cidade tinha um ar definhado. Nem uma sombra: em nenhuma rua do mundo nos sentiríamos tão estranhos. Agulhas incandescentes furavam-lhe os olhos; levantou a mão para se defender, e a camisa colou-se-lhe à pele. Arrepiou-se:

— Um crime!

— Ontem — disse Ritchie —, um pobre velho caiu à minha frente: insolação.

Brr — exclamou.

— Não gosto de ver mortos.

“Vai para a Europa e estás servido”, pensou Gomez. Ritchie acrescentou:

— Faltam quarenta prédios. É melhor apanhar o autocarro.

Pararam junto ao posto amarelo. Uma jovem esperava. Olhou-os com ar sabido e triste, depois voltou-lhes as costas.

— Bela rapariga — disse Ritchie com ar colegial.

— Tem ar de prostituta — disse Gomez com rancor.

Aquele olhar tinha-o feito sentir-se sujo e transpirado. Ela não estava a transpirar. Ritchie também não: rosado e fresco na sua bonita camisa branca, só o nariz arrebitado brilhava um pouco. O belo Gomez. O belo general Gomez. O general debruçara-se sobre olhos azuis, verdes, negros, sombreados pelo bater dos cílios; a prostituta apenas se apercebera de um pequeno meridional avaliado em cinquenta dólares por semana, — que suava no seu fato comprado feito. “Tomou-me por um dago*” Mesmo assim, olhou para as belas pernas longas enquanto continuava a suar. “Há quatro meses que não sei o que é fazer amor.” Dantes, sentia o desejo como um sol seco no ventre. Presentemente, o belo general Gomez tinha desejos vergonhosos e fugidios de vagabundo.

* Termo, em gíria norte-americana, e como que são designados os imigrantes do Sul da Europa. (N. da T.)

— Um cigarro? — ofereceu Ritchie.

— Não. Sinto a garganta a arder. Gostaria mais de beber.

— Não temos tempo.

Com um ar perturbado deu-lhe uma pequena palmada no ombro:

Faz por sorrir — disse. Se Ramon te vê com essa cara, assusta-se. Não te peço que sejas cerimonioso — apressou-se a dizer, perante um gesto a Gomez. — Ao entrares, fazes um sorriso impessoal e esforças-te por conservar; durante esse tempo podes pensar no que quiseses:

— Vou sorrir — disse Gomez.

Ritchie olhou com solicitude.

— É com o garoto que estás preocupado?

— Não. — ele fez pr. p 5~Qroso esforço de reflexão: ‘Á’~ o’r e a u —, .4, s~

— Paris? estou-me nas tintas por Paris — disse Gomez violentamente. Ainda bem que tomaram a cidade sem combate, não achas? Os Franceses não podiam defendê-la — respondeu Gomez com uma voz neutra.

— Bah, uma cidade plana.

— Podiam defendê-la. Madrid resistiu dois anos e meio...

— Madrid... — repetiu Ritchie com um gesto vago. Retomou:

— Mas para quê defender Paris? É estúpido. Teriam destruído o Louvre, a ópera, Notre-Dame. Quanto menos estragos houver, melhor. Agora — acrescentou satisfeito —, a guerra, acabará depressa.

Essa agora! — disse Gomez ironicamente. — dentro de três meses teremos a paz nazi.

A Paz — disse Ritchie — não é democrática, nem nazi: é a paz. Sabes que não gosto dos nazis. Mas são homens como os outros. Uma vez conquistada a Europa, verá surgir as primeiras dificuldades e terão de se moderar. Se forem razoáveis, deixarão que cada país se administre por si próprio no seio de uma federação europeia. Qualquer coisa como os nossos Estados Unidos.

Falava lentamente e com aplicação. Acrescentou:

— Se isso vos impedir de estar em guerra de vinte em vinte anos, será esse o preço. Gomez olhou-o irritado: havia uma imensa boa vontade nos seus olhos cinzentos. Ritchie era alegre, amava a humanidade, as crianças, as aves, a arte abstracta; pensava que com dois reis de bom senso todos os conflitos seriam sanados. Não tinha muita simpatia pelos imigrantes de raça latina; entendia-se melhor com os alemães. “A tomada de Paris, para ele, que poderia representar?”

Gomez voltou a cabeça e olhou para o mostruário multicolor do vendedor de jornais: Ritchie pareceu-lhe, de repente, impiedoso.

— Vocês, os Europeus — disse Ritchie —, agarram-se sempre a símbolos. Há oito dias que se sabe que a França está perdida. Bem: viveste lá, tens boas recordações, compreendo que isso te entristeça. Mas a tomada de Paris? Em que te perturba, se a cidade, está intacta? No fim da guerra voltaremos.

Gomez sentiu-se tomado de uma extraordinária e colérica alegria:

— Em que é que me perturba? — perguntou com voz trêmula.

— Dá-me prazer! Quando Franco entrou em Barcelona eles abanavam a cabeça, diziam que era pena, mas ninguém mexeu um dedo. Pois bem, é a vez deles; que se avenham! Sim, dá-me prazer — gritou no meio do ruído do autocarro que, entretanto, tinha chegado —, dá-me prazer!

Subiram depois da mulher jovem. Gomez fez o possível por lhe ver as pernas; ficaram de pé na plataforma. Um homem gordo, de óculos de ouro, afastou-se precipitadamente deles e Gomez pensou: “Devo, cheirar mal.”

Na última fila de lugares sentados, um passageiro tinha desdobrado um jornal. Gomez leu, por cima do ombro: “Toscanini aclamado no Rio, onde toca pela primeira vez depois de cinquenta e quatro anos.” E mais abaixo: “Estréia em Nova Iorque: Ray Milland e Loretta Yoting em O Doutor Vú Casar.”

Por todo o lado se abriam jornais: La Guardia recebe o governador de Delaware; Loretta Young; incêndio no Illinois; Ray Milland; o meu marido começou a gostar de mim quando comprei desodorizante Pitts; comprem Chrisargyl, o laxativo da lua-de-mel; um homem em pijama sorria à jovem esposa; La Guardia sorria ao governador de Delaware; “Não há bolos para os mineiros”, declara Buddy Smith. Iam lendo; as grandes folhas brancas e negras falavam-lhes de si próprios, das suas preocupações, dos seus prazeres; sabiam quem era Buddy Smith, e Gomez não sabia; viravam para o chão, para as costas do condutor, as letras grossas da primeira página: “Tomada de Paris”, ou então “Montmortre em chamas”. Iam lendo, mas os títulos gritavam-lhes entre as mãos sem serem ouvidos. Gomez sentiu-se velho e cansado. Paris estava longe; era o único a preocupar-se, no meio de cento e cinquenta milhões de homens, era apenas uma pequena preocupação pessoal, pouco mais importante do que a sede que lhe queimava a garganta.

— Dá-me o jornal — pediu a Ritchie.

Os Alemães ocupam Paris. Pressão em direcção ao Sul. Tomada do Havre. Assalto da Linha Maginot. As letras gritavam, mas os três negros que conversavam atrás dele continuavam a rir sem ouvir. Intacto o exército francês, a Espanha toma Tânger. O homem de óculos de ouro procurava alguma coisa, metodicamente, na pasta, e acabou por retirar uma chave Yale, que examinou com satisfação. Gomez teve vergonha, sentia vontade de fechar o jornal, como se nele se falasse dos seus segredos mais íntimos. Estes gritos enormes que lhe faziam tremer as mãos, os pedidos de socorro, os estertores, eram enormes incongruências, como o seu suor de estrangeiro, como o seu cheiro demasiado intenso. A palavra de Hitler posta em dúvida; o presidente Roosevelt não acredita... Os Estados Unidos farão o que puderem pelos Aliados; o Governo de Sua Majestade fará o que puder pelos Checos; os Franceses farão o que puderem pelos republicanos de Espanha. Ligaduras, medicamentos, latas de leite. Miséria! Manifestação de estudantes em Madrid para exigir a devolução de Gibraltar aos Espanhóis. Viu a palavra Madrid e já não pôde continuar.

“Bem feito, patifes! Patifes! Que peguem o fogo aos quatro cantos de Paris que a reduzam a cinzas.” Tours (do nosso correspondente particular Archambaud): A luta continua, os Franceses declaram que a pressão inimiga

diminui; pesadas perdas nazis. Naturalmente a pressão diminui, diminuirá até ao último dia e até ao último jornal francês; pesadas perdas, pobres palavras, últimas palavras de esperança que já não enganam ninguém; pesadas perdas fascistas à volta de Tarragona; a pressão diminui; Barcelona resistirá... e, no dia seguinte, a debandada. Berlim (do nosso correspondente particular Brook Peters): A França perdeu toda a indústria; Montmédy foi tomado; a Linha Maginot assaltada; o inimigo em fuga; canto de glória, canto cheio de sonoridade, sol; em Berlim, em Madrid, canta-se em uniforme; Barcelona, Madrid, em uniforme; Barcelona, Madrid, Varsóvia, Paris, amanhã Londres. Em Tours, senhores de casaco escuro passeavam pelos corredores dos hotéis.

— Bem feito! É bem feito, que tomem tudo, a França, a Inglaterra, que desembarquem em Nova Iorque, é bem feito!

O senhor de óculos de ouro olhava-o; Gomez teve vergonha, como se tivesse gritado. Os negros sorriam, a jovem mulher sorria, o cobrador sorria, not to grin is a sin.

— Vamos descer — disse Ritchie sorrindo.

Nos anúncios, na capa das revistas, a América sorria. Gomez pensou em Ramon e começou a sorrir.

São dez horas — continuou Ritchie —, só estamos atrasados cinco minutos. Dez horas, três horas em França: uma tarde enevoadada, sem esperança, despontava desta manhã colonial. Três horas em França.

— Estamos bem arranjados — disse o tipo. Estava petrificado no assento; Sarah via o suor escorrer-lhe pela nuca; ouvia o barulho das buzinas. — Já não temos gasolina! Abriu a porta, saltou do carro e ficou parado em frente dele, olhando-o ternamente:

— Santo Deus! — murmurou entre dentes. — Santo Deus!

Afagava o carro escaldante: Sarah via-o, através da janela, de pé contra o céu faiscante, no meio de tanto barulho; os carros que passavam desde manhã distanciavam-se numa nuvem de poeira. Atrás deles, as buzinas, os apitos, as campainhas: um gorjeio de pássaros de ferro, o canto do ódio.

— Porque se zangam? — perguntou Pablo.

— Porque impedimos a passagem.

Ela gostaria de ter saltado do carro, mas o desespero mantinha-a no assento. O tipo levantou a cabeça:

— Desça! — disse ele irritado.

— Não os está a ouvir? Ajude-me a empurrar. Desceram.

— Empurre atrás — ordenou o tipo a Sara. — E com força.

— Também quero empurrar — disse Pablo.

Sarah agarrou-se ao carro e empurrou com toda a força, de olhos fechados, como num pesadelo. O suor ensopava-lhe a blusa: através das pálpebras cerradas, o sol feria-lhe os olhos. Abriu-os: em frente dela, o tipo empurrava com a mão esquerda apoiada na janela; com a direita, manobrava o volante; Pablo tinha-se precipitado contra o pára-choques traseiro e dava gritos selvagens.

— Cuidado para não seres atropelado — recomendou Sarah.

O carro deslizou devagar para a beira da estrada.

— Parem! Parem! — disse o tipo — Já está, meu Deus!

As buzinas calaram-se; o rio recomeçou a correr.

Os carros passavam junto do automóvel avariado, com rostos colados contra as janelas; Sarah sentiu-se corar sob esses olhares e escondeu-se. Um homem alto e magro, ao volante de um Chevrolet, debruçou-se e gritou:

— Filho da puta!

Caminhões, camionetas, automóveis, táxis com bandeiras pretas, carroças. De cada vez que um carro passava por eles, Sarah perdia um pouco de coragem e Gien afastava-se um pouco mais. Depois, o desfile das carroças, e Gien afastava-se cada vez mais, rangendo; por fim a mancha negra dos peões cobriu a estrada. Sarah refugiou-se na valeta: as multidões assustavam-na. Andavam devagar, com dificuldade, o sofrimento dava-lhes um ar de família: quem quer que entrasse no grupo se lhes assemelharia. Recuso-me. Recuso-me a ser como eles. Não a olhavam; evitavam o carro sem o olhar: já não tinham olhos. Um gigante de chapéu de palha com uma mala em cada mão esbarrou no carro deu meia volta e retomou a sua marcha. Estava pálido. Uma das malas tinha etiquetas de várias cores: Sevilha, Cairo, Sarajevo, Stresa.

— Está morto de cansaço — gritou Sarah.

— Vai cair. Não caía. Ela seguiu com os olhos o chapéu de fita vermelha e verde que balançava alegremente acima do mar de chapéus. Pegue na mala e continue sem mim. Sarah estremeceu — e, sem responder olhava a multidão com uma repugnância assustada.

— Está a ouvir o que eu digo?

Ela voltou-se para ele:

— Não será possível esperar que um carro passe e pedir-lhe uma lata de gasolina? Depois dos peões, virão mais automóveis.

O tipo sorriu agressivamente.

— Aconselho-a a tentar.

— Porque não, porque não havemos de tentar?

Ele cuspiu com desprezo e durante um momento não respondeu.

— Não os viu?

— perguntou ele por fim.

— Empurraram-se uns aos outros. Como quer que parem?

— E se eu encontrar gasolina?

— Já lhe disse que não encontra. Ou pensa que vão perder o lugar na bicha por sua causa?

— Olhou-a de alto a baixo, troçando:

— Se você fosse bonita e tivesse vinte anos não digo que não.

Sarah fingiu não ouvir. Insistiu:

— E se, apesar de tudo, eu conseguisse?

Abanou a cabeça, teimoso:

— Não há nada a fazer. Não continuo. Mesmo que arranje vinte litros; ou até cem. Já vi como é. Cruzou os braços.

— Está a ver — disse ele com severidade.

— Travar, derrapar, engatar de vinte em vinte metros. Mudar de velocidade cem vezes por hora: é isso que dá cabo de um carro!

O vidro estava sujo. Ele pegou no lenço e limpou-o solícitamente.

— Não me devia ter deixado arrastar.

— Bastava ter gasolina em quantidade suficiente.

Abanou a cabeça sem responder; ela tinha vontade de o esbofetear.

Conteve-se e disse calmamente:

— Então? O que tenciona fazer?

— Ficar aqui e esperar.

— Esperar o quê?

Ele não respondeu. Ela pegou-lhe no braço e apertou-o com toda a força:

— Se ficar aqui, sabe o que lhe acontece? Os alemães deportarão todos os homens válidos.

— Claro! E cortarão as mãos ao garoto e violá-la-ão, se tiverem coragem.

Tudo isso são balelas: eles não são certamente tão maus como dizem.

Sarah tinha a garganta seca e os lábios tremiam-lhe. E, quase sem voz:

— Está bem. Onde estamos?

— A vinte e quatro quilômetros de Gien. “Vinte e quatro quilômetros! Não me vou pôr a chorar em frente deste patife!”

Entrou para o carro, pegou na mala, tornou a sair, deu a mão a Pablo.

— Vem, Pablo!

— Aonde?

— Para Gien.

— É longe?

— Ainda é bastante, mas pegar-te-ei ao colo quando estiveres cansado.

E depois — acrescentou em ar de desafio — encontraremos certamente boa gente que nos ajude.

O homem plantou-se-lhes na frente, impedindo-lhes a passagem. Franzia o sobrolho e coçava a cabeça com ar inquieto.

— Que pretende? — perguntou Sarah secamente.

Ele não sabia o que queria. Olhava alternadamente para Sarah e Pablo; parecia procurar alguma coisa.

— Então? — disse ele inseguro. — Vai-se embora sem se quer me agradecer?

— Obrigada — disse Sarah apressadamente —, obrigada.

O homem tinha encontrado o que procurava: o, ódio. Encolerizou-se e tornou-se escarlate.

— E os meus duzentos francos? Onde estão?

— Não lhe devo nada — disse Sarah.

— Não me prometeu duzentos francos? Esta manhã? Em Melun? Na minha garagem?

— Sim, se me levasse a Gien: mas deixou-me no meio da estrada com uma criança.

— Não sou eu que a deixo, é o carro.

— Abanou a cabeça e as veias das têmporas incharam-lhe. Os olhos brilhavam-lhe e parecia contente. Sarah não tinha medo dele.

— Quero os meus duzentos francos.

— Ela meteu a mão na carteira.

— Tome lá cem francos. Não lhos devo, e você é certamente, mais rico do que eu. Dou-lhos para que me deixe em paz.

Ele pegou na nota e meteu-a no bolso; depois tornou a estender a mão. Estava vermelho, com a boca aberta e olhar pensativo.

— Ainda me deve cem francos.

— Não lhe dou nem mais um tostão. Deixe-me passar.

Ele não se mexia, impávido. Na verdade, não queria os cem francos. Não sabia o que queria: talvez quisesse que o garoto lhe desse um beijo antes de partir: a sua linguagem traduzia isso. Avançou para ela e ela percebeu que lhe ia tirar a mala.

— Não me toque.

— Ou me dá os cem francos ou fico com a mala.

Olhavam-se olhos nos olhos. Era visível que ele não tinha vontade alguma de ficar com a mala e Sarah estava tão cansada que de boa vontade lha teria dado. Mas, presentemente, era preciso representar a cena até ao fim. Hesitaram, como se não se lembrassem do respectivo papel; depois Sarah disse:

— Experimente levá-la! Experimente!

Ela agarrou na mala pela pega e começou a puxar. O homem podia ter-lha arrancado com um esticão, mas limitava-se a puxar, sem ver o que estava a fazer; por seu lado, Sarah puxava também; Pablo começou a chorar. O rebanho de peões já ia longe, recomeçara o desfile dos automóveis. Sarah sentiu-se ridícula. Puxou com força pela mala; ele, por sua vez, puxou ainda mais e arrancou-lha. Olhou para Sarah e para a mala com espanto; talvez nunca lha tivesse querido tirar, mas era um facto, presentemente: segurava-a na mão.

— Devolva-me a mala — disse Sarah.

Ele não respondeu; tinha um ar idiota e persistente. A raiva apoderou-se de Sarah, que se lançou em direcção aos automóveis:

— Agarrem que é ladrão! — gritou ela.

Um grande Buick preto passou ao pé deles.

— Vamos — disse o tipo —, nada de histórias!.

Agarrou-a pelos ombros, mas ela conseguiu libertar-se; as palavras e os gestos saíam-lhe com segurança e precisão. Saltou para o degrau do automóvel e agarrou-se ao caixilho da janela.

— Um ladrão! Um ladrão!

Um braço saiu do carro e empurrou-a.

— Desça, vai matar-se. Ela começava a sentir-se endoidecer: era agradável.

— Parem — gritou.

— Um ladrão! Ajudem-me!

— Vamos, desça!

— Como quer que pare? Chocariam comigo.

A raiva de Sarah desapareceu subitamente. Saltou para o chão e tropeçou. O garagista levantou-a do chão. Pablo gritava e chorava. Tudo acabado; Sarah tinha vontade de morrer. Meteu a mão na carteira e tirou cem francos.

— Tome! Mais tarde terá vergonha.

O tipo pegou na nota sem levantar os olhos e deixou a mala.

— Agora, deixe-nos passar.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

